

Journal do PSTU. Nº 33. 23/71.

# Temporada de caça aos favelados

Temos recebido diversas cartas de leitores e colaboradores rechaçando a intervenção no Rio de Janeiro. Reproduzimos a seguir trechos de uma delas que revelam um pouco da indignação dos trabalhadores cariocas.

“Os estrategistas das forças armadas responsáveis pela intervenção armada nos morros e favelas do Rio de Janeiro começaram sua operação cercados de grandes equipamentos (...) os altos escalões do tráfico de forma alguma controlam seus negócios escusos dos morros e das favelas, mas sim de suas mansões nos bairros nobres, com respaldo de políticos e de vários setores da polícia.

A intervenção é um absurdo sem tamanho pois desencadeia contra a população civil uma operação de guerra, agravado pelo fato de, as próprias estatísticas das forças armadas, darem conta de que metade da tropa é formada por soldados que moram em fave-

las e na periferia da cidade, abrindo com a intervenção um confronto direto que coloca inclusive os soldados em péssima situação de segurança.

Os direitos humanos são sumariamente ignorados, o que já se tornou rotina no Brasil, onde os policiais já olham para os meninos de rua, negros e trabalhadores como se fossem os seus principais inimigos, construtores de uma suposta “inse-

gurança e ilegalidade”.

O que irá acontecer com esta intervenção será a prisão de meia dúzia de varejistas de drogas, o que representa apenas um infimo dado da prevenção do delito (...) os grandes geradores da criminalidade são as condições de vida, ou melhor, desubvida, às quais a população está submetida, o desemprego, a fome, falta de moradia, salários arrocha-

dos, discriminação e todo tipo de violência.

Finalizando, o exército não tem moral para invadir favelas e morros com o alibi de combater a violência, porque até hoje deve explicações à sociedade sobre os assassinatos, seqüestros (...) cometidos no ápice dos tenebrosos tempos da ditadura militar. O exército que invadiu a CSN em Volta Redonda, e matou

final será muita gente desaparecida, assassinada. Desde muito tempo que aqui no Rio de Janeiro se mata um homossexual por semana por causa da homofobia da polícia. (...) negros e homossexuais continuarão sendo alvo da violência urbana sem que as autoridades tomem qualquer providência. (...) mas a solidariedade e a organização são o principal passo para desmascarar toda essa farsa de intervenção.

Os setores oprimidos e explorados da sociedade devem ser mais ousados e as associações de moradores devem deixar de ir a reboque do poder público e começar a organizar a auto-defesa dos moradores das favelas e morros”.

Eugênio Iblapino dos Santos  
Presidente do Grupo 28 de  
Junho-Movimento de  
Emancipação Homossexual ✓



Yval Cavalcante